

CORREIO DO VILHÃO

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Anunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia de A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36

PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

6 Rei e os Politicos

Sem querermos ter a pretenção de adivinhar o que vae pelo cerebro e pelo coração do snr. D. Manuel II, parece-nos que não andaremos longe da verdade, affirmando que elle só se sentiu verdadeiramente um rei portuguez, agora — quando se tratou da constituição do ministerio Campos Henriques.

Nos primeiros mezes do seu reinado entreteve-lhe o espirito a lembrança saudosa dos que lhe mataram — embora a impiedosa missão de reinar — sem estarem ainda extinctos os ultimos ecos dos tiros que lhe roubaram o pae e o irmão — o mandasse limpar as lagrimas e acolher com sorrisos os nem sempre leaes conselheiros de Estado.

Assim logo no primeiro dia do seu reinado, D. Manuel teve junto de si os politicos, mas não deu por elles, decerto, porque não lh'o consentia a sua enorme dôr. E, demais, os conselheiros, uns por dever de cortezia, outros, talvez, com sinceridade, tambem não se apresentaram, pelo menos ostensivamente, como politicos de profissão; mas, acabrunhados ao peso dos seus erros que, na hora terrivel do regicidio, lhes povoaram sinistramente o espirito, e pensando, talvez, num momento de esperança, que o sangue, que escorreu de D. Carlos, os lavaria de toda a culpa, pareciam antes portuguezes dos mais generosos e dos mais amigos do seu paiz que vinham apontar ao novo rei — que só poderia desejar ser melhor do que o pae — o caminho mais seguro para chegar ao coração do povo.

E disseram-lhe: siga pela mão do Ferreira do Amaral. Mas, logo, quizeram ter participação nas glorias futuras — e o primeiro ministerio do novo reinado constituiu-se com gente velha que, devendo ser, pela sua idade, a melhor para orientar o rei, não a podia ser pelos habitos contrahidos.

Mas D. Manuel não ficara a perceber nada ainda do jogo politico — e talvez nem desse pelo offercimento que João Franco lhe fez dos seus serviços. Não lh'o permittiam a sua idade, a enorme dôr que o affligia, — e nem tão pouco a sua educação havia sido dirigida

no sentido de tratar com politicos.

D. Manuel ficou, pois, entretido com a lembrança saudosa do pae e do irmão — e aquelles foram continuar a sua obra. Só pretenderam a collaboração do rei, quando resolveram a excursão ao Porto.

D. Manuel entrou na capital do Norte, rodeado de politicos, mas é interessante que, não dando ainda por elles, despercebidos passaram tambem á cidade do Trabalho e da Liberdade.

D. Manuel prendia todas as atenções — dos homens e das mulheres. A respeito dos politicos que o não largavam, talvez ainda sem elle dar por isso, só de vez em quando a imprensa dava o nome do sr. Espregueira, para dizer, com intenção pouco agradável, que lhe haviam juncado o caminho de flôres... Mas até da parte da imprensa havia má informação: as flôres eram só para o rei.

Porque era rei? Não. Porque era novo e galante — e porque ainda são as mulheres quem têm o monopolio de atirar flôres...

Nesta altura D. Manuel devia começar a dar pelos politicos que o não deixavam — porque decerto não se cançariam de lhe dizer que, festejando, a elle, o mesmo era que festejar as Instituições — e a elles tambem que são quem sustentam estas.

Talvez D. Manuel começasse a conhecê-los no Porto — e é provavel que isto concorresse para que não gosasse serenamente tanta prova de sympathia por parte das mulheres — e até dos homens..

Mas que não os conhecesse ainda, deve conhecê-los agora, depois d'essa vergonhosa comedia que elles representaram, a proposito da constituição do actual ministerio. — E D. Manuel, queremos crê-lo, só agora se sentiu verdadeiramente um rei portuguez.

Quando foi do regicidio, disse um dos nossos maiores jornalistas: o rei era mau, mas peores são os politicos. Oxalá D. Manuel possa vêr a tempo esta verdade.

O crime é sempre obrigado a mentir, a virtude nunca. E' porque um é a mentira, o outro a verdade em acção. Um precisa de trevas, outro de luz.

Uma das venturas do homem neste mundo é gosar da estima das pessoas sensatas.

CARTA DE LISBOA

26 de Dezembro

(Retardada na redacção)

Vejo-me seriamente atrapalhado, sr. director; mas ao contrario de tanta gente que escreve para jornaes que quasi sempre lueta com falta de assumpto, eu não sei para que lado me vire.

A inesperada queda do ministerio Amaral e as consequencias d'ella derivadas lançaram a vida politica lisboêta numa confusão de tal ordem que o vêr claro nesta cerração é habilidade que os meus humildes olhos não executam.

Se não, diga-me, sr. director — quem sabe o que vae no cerebro do sr. José Luciano que, ao contrario do sr. Vilhena, anda tão calado?

Dizem uns que uma decepção estúpida entibia, neste momento, a habitual lucidez de S. Ex.^a que inesperadamente teria visto fugir-lhe das mãos o trunfo mais grúdo de todo este jôgo. Outros affirmam que nós teremos por estes dias o summo prazer de verificar que toda esta confusão, é, afinal, a resultante d'uma machinação urdida por S. Ex.^a que hoje disfructa na politica portugueza uma invejavel reputação, de Machiavel.

Não sei... Creio mesmo que ninguem sabe... S. Ex.^a é hoje o unico politico de linha que possuímos. A pretexto de doença — não sae de casa, não vae ás Camaras, nem ao Conselho de Estado, nem á Arcada, nem ao Club; portanto, não dá á lingua, nem basofeia, não distribue oraculos — uma balda pessima do sr. Vilhena que lhe valeu a sua desgraçada situação actual.

Mergulhado no commodo fauteil do seu gabinete, o sr. José Luciano assesta a luneta á rapaziada cá de fóra e paira-lhe nos labios o sorriso sceptico e bonacheirão — o sorriso diabolico de quem se vinga! E, concordemos, a vingança de S. Ex.^a é completa.

Pois não o julgaram um trambôlho na politica portugueza? Não lhe negaram, quando da celebre questão dos tabacos, todas as qualidades de estadista? Não o insultaram? Finalmente, não o atacaram em todos os campos e com todas as armas? Pois bem! Seguem-se os acontecimentos notabilissimos do ultimo anno. A politica portugueza sofre um abalo profundissimo; num momento

até, tudo parece afundar-se numa tremenda derrocada, — e os homens que afinal tudo prepararam contra a vida velha e os velhos politicos estão hoje aparvalhados deante da sua propria obra e agarram-se ao sr. José Luciano, unica taboa de salvação neste singular naufragio.

Elle, agora, naturalmente, vinga-se. Senhor da situação, deixa andar os *pequenos, os poetas*, a brincar algum tempo á sua volta, até que se resolva a distribuir alguns puxões de orelhas... e depois passa elle a operar.

S. Ex.^a está na expectativa! Todos conhecem — na vida de Napoleão — o periodo curto da ilha d'Elba, o humilde rochedo onde as potencias fizeram naufragar, a primeira vez, o mais formidavel orgulho de todos os tempos; todos sabem como elle esperou paciente e anciosamente um reviramento de opiniões que afinal lhe permittiu o desembarque em Antibes e a marha triumphal sobre Pariz. — Pois o sr. José Luciano está num periodo identico, desde a questão dos tabacos; e, qualquer dia, elle — o que não tinha pernas, elle — o invalido, o desprestigiado, imporá, victorioso, a sua vontade, unica, formidavel e despotica, como uma albarda deprimente no lombo de quem tanto o escolcinhou.

S. Ex.^a deve estar, a estas horas, aguçando as velhas esporas dos seus passeios na remota Oliveirinha!

31 de Dezembro

Afinal, aconteceu como lhes disse na ultima carta. — José Luciano, aranha astuta, espreitava do seu buraco a mosca appetitosa do poder.

No dizer geral, o snr. Campos Henriques é um mero serventuario que o snr. José Luciano contratou para dois fins: 1.º — aguentar num momento difficil as responsabilidades do poder, emquanto S. Ex.^a e o seu partido lhe disfructam as doçuras; 2.º — dar um golpe de morte no partido regenerador, porque esse forte agrupamento ainda obstava á realisação do seu plano politico dos ultimos tempos — ser elle o grande homem, o unico, o insubstituivel da governação publica portugueza.

Eu supponho que este plano não é velho no cerebro de S. Ex.^a; data, talvez, da morte de Hintze Ribeiro. Hintze e José Luciano fôram os dois grandes heroes do rotativismo que elles erigiram de simples manobra eleiçocira em systema constitucional de governo.

Môrto Hintze, José Luciano viu bem que a politica d'esse systema era impossivel para o futuro — e, demais, depois da autopsia de

João Franco, estava completamente desacreditada. Viu o partido progressista, ainda todo sujo da lama dos tabacos que os dissidentes lhe atiraram á cara com tanta violencia, viu João Franco a provocar na opinião publica um forte movimento de interesse, e S. Ex.^a meditou — e na immobilidade forçada do seu viver recluso começou a deliniar-se-lhe na mente a ultima phase da sua carreira politica.

E que fez elle então? Num golpe de genio realisa com João Franco a Concentração Liberal — e, dando-lhe com o seu apoio eleitoral o poder, aquelle disfruta-lhe exclusivamente os beneficios e com este elixir começa a cicatrizar o rude golpe que o seu partido soffera.

Mas o grande estorvo agora é João Franco. Este homem honesto parece disposto a lançar os fundamentos d'uma nova sociedade, operando com pulso firme a gangrena antiga que corroía o velho organismo collectivo; e, enquanto elle vinha assoalhando a bandalheira dos rotativos, o snr. José Luciano preparava já o laço onde devia cair o incauto sonhador! S. Ex.^a visionava já ao longe a dictadura onde devia precipital-o e com a ostentação d'um apoio caloroso levou-o de escantilhão até á beira do abysmo — mas recuou e desfez a Concentração Liberal e João Franco foi dictador.

José Luciano, então, deixou correr os acontecimentos. Todos conhecem os resultados. A dictadura irritou e seguiu-se-lhe a morte do Rei e com esta o panico apossou-se de todas as almas. Os proprios republicanos ficam espantados. A unica pessoa que viu claro na confusão geral foi ainda o snr. José Luciano. Não quiz o poder, mas deu-o a um homem de quem dispunha, como depois se verificou — e eil-o ahi vinha governando encaipotado, dispondo tudo para a sua definitiva preponderancia.

O snr. Vilhena parece que viu longe nesse momento, sentindo que algum minava o terreno, porque logo se notaram os rumores do seu mal estar, mas a grande aranha de Anadia ainda não vira o momento azado para vibrar ao partido regenerador o golpe mortal — ainda não vira bem acesas as rivalidades dos seus marchas que esphaecelariam a velha unidade politica de Fontes.

Foi então que numa verdadeira sedução, lenta, mansa, começou a desenvolver no espirito do snr. Campos Henriques a febre ambiciosa. De vez em quando tomava-lhe o pulso e, quando o julgou apto, provocou a crise. Depois as diligencias do snr. Beirão fôram uma comedia em que este senhor desempenhou, talvez, um papel inconsciente. — Pois não havia ministros progressistas para o snr. Beirão e appareceram immediatamente para o snr. Campos Henriques? — Isto é claro, terminante, positivo.

Eu paro aqui, por hoje. Esperemos o desenrolar dos acontecimentos.

Como vencerá o snr. José Luciano a má vontade geral contra o snr. Campos Henriques?

Que surpresa nos prepara o seu genial engenho politico?

Ed. do Rio.

AO SERÃO

GAZETILHA

Cá por coisitas, ó Rosa,
Ditas, ó Rita, por ti,
Nem é verso nem é prosa
O aranzél que hoje escrevi.
Stou nervoso, furibundo,
Como nunca assim me vi
Desde que m'acho no mundo.

Querem, senhoras, que diga
A razão do meu soffrer?
Os doceiros d'uma figa
Que só tratam de vender
Nada off'recendo os bréjeiros!
O meu ferro é de tremer!
Raios parta' os confeiteiros!

Se até o Lemos amigo
(Sebastião da Ritinha)
— Typo de fidalgo antigo
No coração e na linha—
Da bella casa que tem
Nem uma só cavaquinha
Off'erta agora a ninguem,
Como ha-de este *fabiano*
Consoadas enviar
Nesta linda quadra d'anno
A's pessoas qu'estimar?
Se a policia não tivesse
O mau séstro d'agarrar
A quem *mão baixa* fizesse,

Agucassem bem os dentes
Minhas patricias, que então
Mandaria ricos presentes
Junto co'o meu coração.
Mas assim... ponto final,
Porque nesta occasião
Talvez... lhes fizessem mal.

El-Vidalonga.

DOR DE DENTES

Uma leitora gentil
De olhos pr'etos, catitas,
Pede que no seu jornal
Lhe diga coisas bonitas.

Bonita é ella que tem
Uns lindos olhos ardentes
E bonita é mais alguém
A quem doíam os dentes,

E nunca dava uma falla
Das suas fallas de prata;
O chaile á volta do rôsto,
Como uma velha beata.

Eu disse graças a v'êr
Se a graça ao rôsto lhe vinha,
E graças disse a Rosinha
Que tem graça quanta quer.

Mas nunca dava uma falla
Das suas fallas de prata;
O chaile á volta do rôsto,
Como uma velha beata.

Eu puz-me a olhar para ella
E veio-me esta ideia:
Os dentes a fazem bella,
Os dentes a fazem feia.

X.

ANEDOTAS

Um homem extraordinariamen-
te feio, mas muito pretencioso, di-
zia a um dos seus amigos:

—S'bes? Vou casar-me.

—Com quem?

—Com a Amélia.

—Mas parece-me que ouvi di-
zer que ella te mandou á tabúa,
quando a quizeste namorar.

—E' verdade; mas por fim con-
segui dominal-a, e acceitou-me a
olhos fechados.

—Ah! assim comprehende-se!

Um aldeão, encontrando-se na
cidade, entrou num estabelecimen-
to para comprar meia duzia de
bananas que lhe haviam encomen-
dado. Estava lá um dos *habi-
tués* da casa—um *brázileiro* com
pretensões á homem espirituoso.

—A modo que o estou conhe-

cendo, seu moço?—lhe diz o *bra-
zileiro*.

—Póde ser, respondeu o rapaz.

—Que é feito de seu pae? A
modo que conheço elle.

—Não digo que não.

—Se não me engano até foi el-
le quem fez isto... que trago nos
pés.

—Talvez, talvez. O meu pae
era ferrador.

O *brázileiro* embrulhou o cum-
primento, e retirou-se atrapalha-
damente, gaguejando um... *adeus*,
seu moço.

*

Que idade tinha V. Ex.^a quan-
do contrahiu matrimonio?

—Não me recordo; mas com
certeza ainda não tinha chegado á
idade da razão.

QUADRAS ESCOLHIDAS

Cada escola é um canteiro,
Cada creança uma flôr:
Oxalá o jardineiro
A trate com muito amôr!

Julio Brandão.

NOTICIARIO

Fallecimentos. — Falleceu,
em S. Bernardo, uma cunhada do
nosso sr. amigo Padre Manuel da
Cruz, dignissimo parochó d'esta
freguezia, a quem acompanhamos
no doloroso transe por que acaba
de passar.

No ultimo numero, dando já
esta noticia, dissemos que a falle-
cida era cunhada do Rev. Prior
de S. Bernardo, o que não póde
significar, da nossa parte, mais do
que um naturalissimo equivoco, pro-
veniente, talvez, de termos sido
mal informados, ou, então, de não
attendermos bem á informação
que nos deram no proprio dia em
que este jornal foi publicado e
quando estava quasi a entrar na
machina.

—Victimada pela tuberculose
falleceu, no dia 27, a sr.^a Laurinda
Ferreira de Jesus, esposa do sr.
Adelino Ferreira Barbosa a quem
enviamos sentidos pesames.

—Na idade avançada de 70
annos, falleceu a sr.^a Rosa Fer-
reira, viuva de Eusébio Luiz Fer-
reira e irmã do sr. João Rodrigues
Fernandes. A toda a sua familia
enviamos as nossas sentidas con-
dolencias, especialmente a seus fi-
lhos José Rodrigues Ferreira e
João Maria Luiz Ferreira.

—Enviamos sentidos pesames
ao sr. Pedro dos Santos Coutinho,
pelo fallecimento do seu cunhado,
o sr. Custodio-Vieira, que contava
já 96 annos.

Festividade. — Festejou-se,
no dia 27, no visinho logar de
Horta, a Santa Barbara.

A missa, a grande instrumen-
tal pela orchestra da musica «nova»
de S. João de Loure, foi cantada
pelo sr. Padre Manuel da Cruz,
dignissimo parochó d'esta fregue-
zia, assistindo tambem os srs. Pa-
dre Joaquim da Silva Netto e
João Martins de Pinho Brandão,
estudante do seminario de Coim-
bra. Ao Evangelho, subiu ao pul-
pito o sr. Padre Matheus que
segundo ouvimos dizer, agradou
A' noite, houve arraial que
durou até quasi de manhã, execu-
tando a referida philharmonica o
melhor do seu repertorio.

Pelo que nos contaram, foi uma
festa esplendida, relativamente, é
claro, aos elementos de que Horta
dispõe—e para isso concorreu so-
bretudo o nosso amigo sr. Thomaz
Marques d'Albuquerque, juiz da
festa, que é digno dos maiores
elogios.

Pela imprensa.—Agradece-
mos, penhoradissimos, a todos os
nossos collegas que noticiaram o
reapparecimento d'este jornal.

São do «Campeão das Provin-
cias», d'Aveiro, e «Echos do Vou-
ga», d'Agueda, as referencias que

a seguir publicamos e que repre-
sentam por parte d'aquelles nos-
sos collegas uma prova de leal
camaradagem que não esquecer-
mos.

Do «Campeão das Provincias»:

«Recomeçou a sua publicação, em
Eixo, o «Correio do Vouga», antigo de-
fensor dos interesses da populosa e ex-
tincta villa que faz hoje parte importante
do concelho d'Aveiro.

E' seu proprietario e director o sr.
dr. Alfredo de Magalhães, esclarecido
advogado nos auditorios da comarca do
Porto, e alli tambem considerado profes-
sor do lyceu.

O «Correio do Vouga» insere colla-
boração variada e escolhida. Os nossos
votos são pelas suas prosperidades numa
longa e serena existencia».

Dos «Echos do Vouga»:

«Recebemos o n.º 3 d'um novo col-
lega «Correio do Vouga» que acaba de
publicar-se em Eixo, sob a direcção do
sr. dr. Alfredo de Magalhães.

Ao novo collega apresentamos os
nossos cumprimentos e desejamos muitos
annos de vida».

Cadeia em Agueda.—Todos
os que conhecem o velho pardiouro
do Sardo, em Agueda, que serve de
cadeia, não podem deixar de
reconhecer a necessidade urgente
da construcção d'um novo edificio
em que se attenda ás condições
hygienicas que, por um dever de
humanidade, não devem ser esque-
cidas, mesmo quando se trata de
habitações destinadas a criminosos.

Segundo lemos em alguns dos
nossos collegas d'aquella villa, pa-
rece que vaé finalmente dar-se
satisfação áquella necessidade, es-
tando já em projecto a construcção
d'um edificio amplo, que ficará
junto dos Paços do concelho.

Baptizados.—No dia 27 do
mez passado, baptisaram-se na
igreja matriz d'esta freguezia duas
creanças, sendo uma filha do sr.
Eduardo da Costa Santos e outra
do sr. Manuel Maria Martins.

José Estevão.—Por propos-
ta do sr. Accacio Rosa a Camara
Municipal d'Aveiro resolveu com-
memorar solemnemente ocentenario
de José Estevão, prestando ao
mesmo tempo homenagem á me-
moria de Mendes Leite.

Está já nomeada uma commis-
são composta dos srs. presidente
e vice-presidente e vereadores
Accacio Rosa, Domingos Campos
e José dos Reis, para promover
espectaculos, uma loteria districtal
e outras fontes de receita para
ocorrer ás despesas das festas
que se projectam.

Bôdo aos pobres.—Am-
pliando a noticia que demos no
ultimo numero, devemos dizer que
o bôdo foi distribuido a 36 pobres,
recebendo cada um 250 gr. de
touxinho, 500 gr. de arroz, um pão
e um litro de vinho, e sendo a
distribuição feita pelas sr.^{as} D. Is-
menia de Lemos Fiandor e D.
Carolina Adelaide de Mello.

Foram tambem dados fatos de
agasalho a quatro creanças pobres.

O menino José do Rego Af-
freixo proferiu um lindo discurso
allusivo ao acto, sendo muito aplau-
dido.

Gato hydrophobo.—Foi,
ha dias, mordida por um gato ata-
cado de raiva, na visinha freguezia
de S. João de Loure, uma creança
desvalida a cargo da Camara Mu-
nicipal d'Aveiro.

Seguiu já para Lisboa, a fim
de tratar-se no «Instituto Pasteur»,
para onde foi enviada a cabeça do
gato.

Falta de espaço.—Por este
motivo somos obrigados a deixar
para o proximo numero muitos
originaes que temos em nosso po-
der, pelo que pedimos desculpa
aos seus auctores.

Entre aquelles, encontra-se uma
carta do sr. João Martins de Pin-
ho Brandão, distincto alumno do
Seminario de Coimbra.

Este nosso amigo, que é ex-
cessivamente amavel para nós,
trata de mostrar as vantagens que
da publicação do «Correio do Vou-
ga» podem advir para Eixo que
tão atrasado está sob alguns pon-
tos de vista.

Tem razão em tudo que diz o
sr. Pinho Brandão, á parte, é claro,
as gentilezas que tem para com-
nosco e pelas quaes, desde já, nos
confessamos muito gratos, e pena
é que nem todos entendam as coi-
sas da mesma maneira.

Gralhas.—No ultimo n.º, no
conto—Natal—do sr. Mendes da
Costa, saiu «mas com festas» em
vez de «uns com festas». Que te-
nha paciencia aquelle nosso presado
amigo.

Revista do Estrangeiro

Terremoto na Italia

O sul da Italia, constituido de
terreno essencialmente vulcanico,
foi mais uma vez theatro de uma
enorme catastrophe—um abalo
de terra violentissimo, superior ain-
da, em intensidade, ao que destruiu
S. Francisco da California, ha pou-
cos annos.

Ao terramoto seguiu-se o in-
cendio, havendo cidades, como Mes-
sina e Reggio, quasi completamen-
te destruidas e em que as victimas
se contam por milhares.

Segundo os ultimos telegram-
mas, o numero dos mortos passa
de cem mil, sendo superior a trinta
mil o dos feridos, e havendo mil-
hares de familias sem abrigo.

O rei Victor Manuel, logo que
teve conhecimento da catastrophe,
que se dera no sul do seu paiz,
manifestou desejo de partir para lá,
e assim procedeu, chegando a Na-
poles no dia 30, á noite, d'onde
seguiu immediatamente para Mes-
sina.

Tratou logo de visitar as bar-
cacas que se estão a construir pa-
ra os feridos, sendo muito aclam-
ado pelos sobreviventes.

Na Italia, de toda a parte che-
gam soccorros, promovendo-se es-
pectaculos de beneficencia em qua-
si todos os theatros.

As nações estrangeiras come-
çam tambem a dar provas de soli-
diedade humana, partindo de to-
das telegrammas de sentimentos e
off'ertas de soccorros. Da França
seguiram já para Messina dois cou-
raçados e dois torpedeiros carre-
gados de farinha, conservas ali-
menticias, barracas de campanha
e utensilios de cosinha.

Depois de escripta esta noticia,
o telegrapho tem dado conta de
novos pormenores da catastrophe
—mais formidavel e mais horro-
sa ainda do que poderia calcular-se
pelas primeiras informações.

A nota official dos mortos sobe
já a cento e cincoenta mil, vindo
juntar-se ainda a este numero os
criminosos, saídos das prisões, que
estão sendo fuzilados, castigo vio-
lento mas o unico que elles mere-
cem pelas scenas de selvageria in-
creditavel que têm feito, saqueando,
matando os feridos e abusando
até ignominiosamente dos cadave-
res das mulheres.

Conservas envenenadas

Refere um telegramma de Gi-
braltar, do dia 30, que ficaram en-
venenadas 22 pessoas, por terem
comido carnes de conserva. Uma
já morreu e o estado das restantes
é bastante grave.

Bispo assassinado

Assassinaram o bispo armenio
Shalamion, que era accusado de
exercer espionagem contra os seus
collegas fieis ao antigo regimen.

Tanto egoismo ha no amôr que
preferimos vêr desgraçada a pes-
soa a quem amamos a vê-la feliz
com outro.

Nada ha tão facil de pronunciar
como os monosyllabos «sim» e
«não»; e, no entanto, não ha pa-
lavras que mais devam ser pensa-
das antes de pronunciadas.

NOTICIAS PESSOAES

Tem passado doente o sr. Joaquim
da Cunha Leal Pecegueiro, illustre jure-
tor do Asylo «D. Amélia», do Porto.
Ardentemente desejamos as melhoras de
s. ex.^a

—A passar as ferias do natal, encon-
tra-se em Aveiro o nosso presado amigo
e collaborador, Arthur Mendes da Costa,
alumno muifo distincto do Instituto In-
dustrial e Commercial do Porto.

—Partiu para Lisboa a sr.^a D. Leo-
poldina Fernandes, acompanhada de seus
filhos, a sr.^a D. Maria Alcide de Figuei-
redo e o nosso presado amigo, sr. Aris-
tides Dias de Figueiredo.

—De visita á sua ex.^{ma} familia, encon-
tra-se em Lisboa o nosso presadissimo
amigo sr. dr. Olando de Mello do Rego,
distincto alumno do 5.º anno da Facul-
dade de Direito.

—Depois de passarem aqui alguns
dias, retiraram para o Barreiro (Lisboa)
os nossos amigos, srs. Antonio do Carmo
Magalhães e Manuel Antonio de Miranda.

—Acompanhada das suas ex.^{mas} sob-
rinhas, regressou á sua casa da capital
a sr.^a Condessa de Laboera.

—Completo dez annos o menino
Evaristo, filho do nosso prezado amigo,
sr. José Fernandes Mascarenhas.

—Estiveram, nos ultimos dias, em
Aveiro, os nossos amigos, srs. dr. Eduar-
do de Moura, Athanasio de Carvalho e
Avelino Dias de Figueiredo.

—De visita á sua ex.^{ma} familia, en-
contra-se em Aveiro o nosso illustre
amigo, sr. dr. João Evangelista de Lima
Vidal, dignissimo professor do seminario
de Coimbra e futuro bispo de Angola.

—Com a sua ex.^{ma} esposa e filho,
partiu para Lisboa o sr. Conde de Suce-
ná.

—Para o nosso presado amigo sr.
dr. Cesar de Sousa Mendes, foi pedida
em casamento a sr.^a D. Maria Luiza
Moncada Alpoim, gentilissima senhora
pertencente a uma das mais considera-
das familias de Mangualde.

—Tem passado incommodado o
nosso amigo sr. José Fernandes de Bastos
Valença. Fazemos votos pelo seu com-
pleto restabelecimento.

—A passar as ferias do natal encon-
tra-se na sua casa de Sanguêdo (Villa da
Feira) o nosso amigo sr. José Correia
d'Amorim, distincto professor do Asylo
«D. Amélia», do Porto.

—Pelo seu anniversario natalicio, que
passou no dia 1, felicitamos o nosso il-
lustre amigo sr. Conde d'Agueda, dignis-
simo Governador Civil do Districto de
Aveiro.

Subscrição aberta a fa-
vor dos alumnos necessitados
das duas escolas officiaes d'esta
villa e dos nossos conterraneos
extremamente pobres e impos-
sibilitados, por falta de saude,
de ganharem os meios de sub-
sistencia.

Lista dos subscriptores:

Alfredo C. de Magalhães . . .	10\$000
Angelo Vidal	5\$000
D. Maria L. dos Reis e Lima . . .	1\$000
D. Elisa dos Reis e Lima . . .	200
D. Amélia dos Reis e Lima . . .	200
D. Beatriz dos Reis e Lima . . .	200
José Ferreira de Magalhães . . .	2\$000
Um anonymo	2\$000
Somma	20\$600

Todos os nossos conterra-
neos, que queiram subseverer,
podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senho-
ra D. Maria Lucia dos Reis e
Lima e aos snrs. Dr. Eduardo
de Moura, Antonio Simões da
Silva e Avelino Dias de Fi-
gueiredo, em Eixo; Manoel Dias
Saldanha, em Lisboa, Rua Au-
gusta, n.º 100-1.º, e Dr. Alfredo
de Magalhães, no Porto, rua de
S. Miguel, n.º 36.

Quando um homem de bem
chega a velho, não póde dizer-se
d'elle que começa a sua decaden-
cia mas a sua immortalidade.

EXPEDIENTE

**Pedimos aos nossos ob-
sequiosos assignantes o fa-
vor de nos prevenir, sem-
pre que mudem de residen-
cia, ou quando não recebam
o jornal.**

SECÇÃO LITTERARIA

PEZAMES

A Bulhão Pato

Por força que ainda choras
A morte de tua irmã,
E nessa casa onde moras
Não raia ainda a manhã.
E' profunda a escuridão,
Conforme sempre acontece,
Se um dia nos anoitece
Na alma, no coração.

Pode alumiar embora
O mundo um sol creador;
Se intima dôr me devora
Ponho os olhos nessa dôr!
Vêjo a imagem que está
No meu coração gravada;
No mundo não ha mais nada...
Nem eu suspeito se ha.

Tu, agora, é essa estampa,
Essa imagem que vês só,
Esses restos, essa campã,
Essas cinzas, esse pó...
Ah! remate universal
De quanto ha vil e sublime,
De toda a virtude e crime,
De todo o bem, todo o mal!

Mas, é possível que acabe
O mal como o bem? Não é.
Não é a razão que o sabe,
Só quem o sabe é a Fé.
Mas... a pó não se reduz
A luz, a alma do homem:
Nem os vermes a consomem;
Os vermes não comem luz!

JOÃO DE DEUS.

RÓSITA

Rósita, quando tu passas
Na minha rua, á noitinha,
Irradiam tantas graças
Desse todo de rainha,
Que o sol, em preto, recúa,
E quem por aqui habita
Vê illuminar-se a rua
Quando tu passas, Rósita.

Fica a gente a duvidar
Se tal luz vem lá dos ceus
Se do fogo singular
Que brilha nos olhos teus.
Eu, porém, tendo estudado
Esse teu olhar ardente,
Fico muito admirado
Do duvidar dessa gente.

Pois o sol podia lá
Fornecer luz tão bonita! ?
Raios assim sómente ha
Nesses teus olhos, Rósita;
Raios X. que num instante
Perfuram o coração.
Produzir luz tão brilhante
O sol não podia, não.

Um raio, pois, dessa luz
Irrumpa dos olhos teus
Cujo brilho me seduz,
E pousar venha nos meus.
Poderás, Rósita, então,
Vêr a cura que produz
Neste pobre coração
Um raio só dessa luz.

ANGELO VIDAL.

1909

Mais um anno passou.
Quando chega um fim d'anno, os velhos volvem olhos atraz e teem saudades do passado; os rapazes, na maioria, *pensam* no futuro e architectam castellos que os annos vão desmoronando.

Aquelles acham curtos os annos e estes longos demais. E entretanto todos elles teem 365 dias e uma fracção. E, velhos e rapazes, todos então teem odio á astronomia, a essa bella sciencia creada pelos pastores da Chaldea, e maldizem todos os fazedores de systemas astronomicos, desde os antigos que nos *pregaram* n'um ponto do espaço como centro dos epicyclos descriptos pelos outros astros, passando por Copernico que nos poz a girar por esse mundo fóra, até Kepler que, vindo com as suas leis, desfez os circulos dos antigos.

O cientista, porem, vae mais longe. Volve olhos atraz para ver, não qual foi a sua vida, mas a vida da humanidade e a da terra. O sociologo, o engenheiro da historia, que pretende desvendar e mesmo preparar o futuro, estuda o passado para por meio d'elle conhecer o futuro. Consciente de que os phenomenos sociaes, como os physicos, não são isolados, mas que derivam uns dos outros, esforça-se por estabelecer a cadeia entre o passado e o presente e entre este e o futuro. E' para isso, e só para isso, que elle estuda a historia e a pré-historia.

E' como o engenheiro que estuda os fosséis, que entra nas profundas camadas geologicas, não para enriquecer um muzeu, mas para do subsolo extrahir o carvão que armazenou a energia solar d'um tempo em que a vida do homem era impossivel, para extrahir o cobre, a prata, o ferro... esse ferro que já era tão estimado na antiga Grecia onde o davam de premio aos vencedores dos torneios, esse ferro que é o factor principal da industria d'hoje, esse ferro que se encontra em toda a parte, no sangue do homem, quer seja sangue azul, quer seja sangue plebeu, nas arterias da leitora dando essas bellas côres que são todo o seu orgulho, nas pedras que calcamos (perdão, amável leitora, por a um lindo rosto seguir um pedregulho; mas que quereis? a natureza é assim), nas aguas do oceano, nas enormes pontes que ligam as margens dos rios e dos canaes, nas machinas dos comboios que atravessam continentes e nas dos paquetes que cruzam os mares em todos os sentidos, na thesoura que talhou a minha humilde e agora engordurada blusa e que está a talhar os vestidos claros e vaporosos com que na proxima primavera a gentil leitora ha-de encantar tantos olhos ambiciosos...

... e lá foi o anno de 1908!

Meia-noite.

Adeus, leitora. Faça votos por que este anno tenhaes, vós que sois boa,—decerto o sois,—mais cuidado em ensinar aos vossos irmãosinhos que a vida é mais alguma cousa do que o passado e o futuro vosso e d'elles.

A. MENDES DA COSTA.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 29 de dezembro

... Snr. Director:

Felicito-o pelo reaparecimento do «Correio do Vouga», desejando que este tenha uma vida longa e prospera, para continuar a advogar os interesses da antiga villa d'Eixo e da região que o seu titulo indica.

Pela minha parte, envidarei todos os esforços nesse sentido, e, desejando para si e para todos que se interessam pelo seu jornal muito boas-festas e um novo anno cheio de felicidades, passo a dar-lhe algumas informações.

Ha oito dias que estavamos sem governo. Depois de muitas tentativas para formar ministerio, por parte d'alguns dos nossos politos mais em evidencia, foi chamado o snr. Campos Henriques que geriu a pasta da justiça no ministerio anterior.

E deu-se o caso interessante de o snr. Campos Henriques, marechal regenerador, encontrar immediatamente ministros no partido progressista, quando um dos homens mais graduados e considerados d'este partido — o snr. Beirão — teve de declinar o honroso cargo, exactamente porque os seus correligionarios não o auxiliaram.

Este facto é bastante para dar ideia do que é a politica nacional, e, embora se preste a varias considerações, não serei eu quem vá perder tempo com ella.

Pouco me importa que o poder estêja *Pedro* ou *Paulo*. O que eu queria é que o nosso paiz fôsse bem administrado, de maneira que os governos merecessm a confiança do povo — e a nação, a dos... estrangeiros. Mas... nem *Pedro*, nem *Paulo*, nem *Sancho*. Infelizmente, parece que vamos de mal a peor.

— Chegou aqui a snr.^a D. Maria Baeta, de S. João de Loure, que vem para a companhia de seus filhos e de seu marido, o nosso amigo, snr. Joaquim Nunes Baeta Junior.

— Foi aqui muito bem recebida a noticia, dada pelo «Correio do Vouga», em correspondencia de S. João de Loure, de ter tomado posse do cargo de vereador da camara de Albergaria-a-Velha o nosso amigo, snr. Joaquim Rodrigues de Mello.

Espero que este nosso conterraneo se interesse pelos melhoramentos de S. João.

— Acaba de fallecer no hospital de S. José o meu presado amigo, snr. Augusto Henriques d'Oliveira, mais conhecido por Augusto Sapateiro.

— No mesmo hospital, encontra-se, em estado melindroso, a sr.^a Maria Rosa Dias, de Canelas, mas aqui residente ha muitos annos. Desejo-lhe rapidas melhoras.

— De visita aos seus amigos, esteve aqui o snr. Joaquim Ribeiro de Mattos, de Pinheiro.

— Regressou de Manaus o snr. Antonio Henriques d'Oliveira. Depois de se demorar aqui alguns dias, retirou para S. João de Loure. — *Melicias*.

Covões (Cantanhede), 24 de dezembro

(RETARDADA NA REDACÇÃO)

Tem-se realisado com todo o brilho na igreja matriz as novenas ao Menino Jesus.

O Rev.^{mo} Abel Frota, digno parochi, merece os maiores louvores pela maneira sympathica e cordeal como iniciou a sua parochialidade. Nós, que ha muito temos a honra da sua amizade, prestamos assim homenagem ás suas qualidades de homem e de padre.

— Consta que vae deixar-nos o Rev.^o padre João Belchior — que emigra para o Brazil.

O desejo ardente de ver mundo, mais do que a ambição, o levam

ao Novo Continente. Filho de brasileiro, irmão de brasileiros — o seu espirito está povoado de reminiscencias deslumbradoras, e a imaginação arrasta-o para o desconhecido como aos velhos portugueses de outros tempos. E' um forte, physica e moralmente, e convenço-me que ha-de vencer — realisando o seu sonho.

— Partiu para Argella o nosso amigo Antonio dos Santos Cruz Junior.

— Está restabelecido do susto de Levira o nosso amigo Alipio dos Santos Ordens.—C.

Troviscal (O. do Bairro) 31

O snr. Manuel Lourenço de Oliveira, mais conhecido por Manuel Pereira, d'este lugar, quando no dia 24 proximo passado, pelas 8 horas da noite, ia quasi a chegar a casa, vindo de Aveiro a guiar uns bois com um carro de estrume do quartel de Infantaria n.º 24, foi victima d'um horroroso desastre que lhe custou a vida e commoveu profundamente todos que d'elle tiveram conhecimento.

A noite, desde o seu principio, estava muito escura e tempestuosa a valer: relampagos e trovões a cada instante e muita chuva e vento fortissimo.

A 100 metros d'este lugar, vindo pelo lado do norte, a estrada eleva-se dois metros acima do nivel do solo, numa pequena extensão. Ora foi precisamente quando o Manuel Pereira ia nesta altura, á pequena distancia de 300 metros de sua casa, que um vivissimo relampago, seguido d'um estruendo trovão, illuminou todo o espaço, espantando de tal maneira os bois que estes, desviando-se do centro da estrada, por onde caminhavam, tomaram por uma rampa abaixo. O Pereira, se não ia do lado para onde elles fugiram, correu para lá, ao que se suppõe, pois que ninguem se encontrava no local, afim de evitar que o carro se virasse, o que não conseguiu sendo arrastado na queda e ficando debaixo d'elle.

A morte devia ter sido instantanea, pois que o cadaver apresentava um braço partido, a maxilla inferior deslocada e o craneo fendido em varias partes. Um horror!!

Umas mulheres, que vinham da novena do Menino Jesus, alumiando se, por signal, com agulhas, é que encontraram o infeliz naquelle miseravel estado. Gritaram, pedindo soccorro.

Acudiu logo muita gente, que desentulhou o desventurado Pereira. Participado immediatamente o occorrido ás auctoridades, estas auctorisaram a remoção do cadaver para casa da familia, realizando-se o funeral no dia seguinte, pelas 4 horas da tarde.

Manuel Peretra era uma bellissima creatura, muito estimado de todos que o conheciam e ainda novo, pois contava apenas 39 annos.

Deixou mulher e tres filhos ainda pequenos.

Que a terra lhe seja leve.

A consternada familia enviou-nos os nossos sentidos pezames.

— Partiu o sino maior da igreja d'esta freguezia, no dia 26 d'este mez.

Dizem-nos que já tinha caído uma ou duas vezes, nada soffrendo. Mas d'esta vez...

— A esposa do nosso amigo, sr. Manuel dos Santos Pereira, do visinho lugar da Povia do Forno, deu ha dias á luz uma robusta creança do sexo feminino, estando bem a mãe e filha. Parabens. — *Gil*.

Pelas livrarias

D'entre todas as casas editoras da capital, a que mais se notabilisa pela boa escolha dos livros, que continuamente lança ao mercado e pelo esmero que põe na parte material das suas publicações,

é, incontestavelmente, a Livraria Central de Gomes de Carvalho, da rua da Prata, 160.

Se de ha muito não tivesse a importante casa firmado solidamente os seus creditos, bastaria a edição recente, do livro *Os Tristes* (chronica de Lisboa) para confirmar quanto fica asseverado.

Os Tristes, constituem um esplendido volume de prosa, contando-nos a verdadeira historia de João d'Oliveira Ermi-da, o protagonista provinciano d'esse romance—chronica, que vem para Lisboa, na intenção de fazer fortuna, começando em moço de padeiro para acabar em capitalista, sem olhar a processos, comtanto que consiga os seus fins como não poucos os teem conseguido. *Os Tristes* são os miseraveis, os *parias*, os que, no caminho da vida, apenas encontram, debaixo dos pés, abrolhos que lh'os dilaceram, ou tropeços que os fazem cair quando mais firmes e seguros se julgam. São os desherdados, os desamparados, os foragidos de todos os confortos e alegrias, os devorados por uma eterna fome e sede de justiça, e nos quaes a turba-multa dos felizes nem de leve, sequer, faz reparo.

Esses desgraçados representam o auctor nesse ingenho provinciano que abandona o seu lar e o seu torrão natal e, em cata de fortuna, vem para Lisboa, que se afigura á sua credula imaginação o *Eldorado* de todos os seus sonhos e ambições, a terra prometida onde o mannã celestial cahirá sobre elle, proporcionando-lhe a suprema felicidade. A desillusão, porém, que elle sofre é completa. E' o livro firmado por Francisco de Barros Lobo e consta de 336 paginas recheiadas de boa prosa portugueza, sem arrebiques nem pretenciosas phrases empolladas, repleto de concertos elevados, de observações sobre modo justas e de não poucas alfinetadas nos ridiculos da nossa sociedade e dos nossos costumes, dos nossos usos... dos nossos abusos. Lê se com interesse da primeira á ultima pagina e conclue-se por... concordar com o auctor na explanação da sua these. Não é, porém, como poderia inferir-se do titulo, um romance piegas, antiquado, proprio a fazer chorar as menmas casadoiras e as respectivas mães. Em vez de fazer chorar, faz pensar, o que é sempre educativo e proveitoso. Ahi está a razão porque não hesitamos em recomendar aos nossos leitores a aquisição do livro a que nos temos referido, certos de que não de dar por bem empregado o seu dinheiro.

ANNUNCIOS

COLLEGIO MONDEGO

Paço da Inquisição — Coimbra

Director — Diamantino Diniz Ferreira

INSTRUCCÃO PRIMARIA

Instrução secundaria. — Curso geral e complementar.

Curso Commercial. — Portuguez, Conversação franceza, ingleza e allemã, contabilidade, calligraphia e escripturação commercial.

Musica, esgrima e gymnastica sueca.

O ensino primario é ministrado em portuguez, francez e inglez, tendo as linguas estrangeiras uma orientação essencialmente pratica.

Annexas á aula de instrução primaria, ha officinas de modelação, esculptura, typographia, marcenaria, encadernação e pintura; podendo optar cada alumno pela aprendizagem de qualquer d'estas profissões.

O exame do 3.º anno do Curso Commercial é feito por uma commissão de technicos, sendo passados aos alumnos diplomas de competencia.

Sempre que as aptidões e vontade do alumno o permitam, o Collegio esforçar-se-ha por tirar num só anno a 1.ª, 2.ª e 3.ª classes dos Lyceus, bem como a 4.ª e 5.ª, e a 6.ª 7.ª (de Letrres).

ALUMNOS INTERNOS E EXTERNOS

PROFESSORES

General Aniceto de Paiva.
Charles Lepierre, Director do gabinete de microbiologia da Universidade
Capitão Antonio Baptista Lobo
Lucio Agnello Casimiro, professor do Lyceu de Horta
John Sidney
D. Olivia Duque, directora do Jardim d'Infancia
Francisco da Costa Ramos, professor diplomado
José d'Almeida, guarda-livros
Pinheiro da Costa, antigo leccionista
Antonio Donato, guanda-mór da Universidade
Diamantino Diniz Ferreira, professor da Escola Nacional d'Agricultura.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

PARA FESTAS de CREENÇAS

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis. Com uma linda encadernação em percalina 350

MANUSCRIPTO das ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muito proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch., 120. Enc., 200 reis

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a, 2.^a e 3.^a classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . 100 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Com modelos para requerimentos de exames de instrucção primaria.

Brochado 60 reis

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

ELABORADA SEGUNDO OS ACTUAES PROGRAMMAS

POR

ALBANO DE SOUSA

3.^a EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás crianças d'uma grande suavidade e, portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

NO PRELO:

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

Deposito de Material Escolar

Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores, etc. Esferas terrestres e armillares.

Museu escolar e *Mappas Geographicos*.

—Preços muito reduzidos—

MERCEARIA AVEIRENSE

DE

VICENTE DE MAGALHÃES TABORDA

51, Largo da Fontinha, 52

PORTO

Licôres, vinhos finos, assucar, chá, café e tabacos nacionaes e estrangeiros. Especialidade em carnes de porco.

Vendas por junto e a retalho.

Alfredo de Magalhães

ADVOGADO

34, Rua de S. Miguel, 36

PORTO

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

Á venda em todas as livrarias.

M. Saldanha & C.^a

Rua Augusta, n.º 100, 1.^o-E

Commissões e exportação

Encarrega se da compra e venda de productos nacionaes e estrangeiros.

Endereço Telegraphico—EIXO

EDUARDO D'OLIVEIRA BARBOSA

RUA DO GRAIVTO—AVEIRO

Tem sempre á venda, por preços modicos: *mausoleus, campas e lousas*, em grande quantidade e de todos os tamanhos, para bancas de cosinha, depositos de agua, telhados e escolas.

Encarrega-se da construcção de *jazigos*, dentro e fóra da cidade, fornece desenhos para os mesmos e cantarias de *granito, pedra branca* e *pedra lioz*.

Tem tambem, em Eixo, armazem de chicoria, onde se encontra sempre grande porção d'este producto, da melhor qualidade e pelos preços mais rasoaveis.

Satisfaz, promptamente, qualquer encomenda.

Typographia

DE

A. J. Vasconcellos, Suc.

RUA DE SA' NORONHA, 51

PORTO

Esta officina encarrega-se de tomar conta de todos os trabalhos typographicos, taes como: mappas, jornaes, obras de luxo, cartões de visita, memoranduns, facturas, etc., etc.

Officina de encadernação

Carimbos de borracha

ADUBOS CHIMICOS

ALLIPIO DOS SANTOS ORDENS

Cantanhede

Covões

MERCEARIA

DE

JOSE' FERNANDES MASCARENHAS

EIXO

Tem á venda todos os generos de mercearia da melhor qualidade e por preços rasoaveis. Armazem de vinhos de pasto em cuja escolha tem sempre o maximo escrupulo.

Descontos aos revendedores

Acceita commissões e consignações

Compra e vende ovos e cereaes

Grande deposito de adubos da Companhia União Fabril, sem duvida os que teem dado mais resultado em todas as culturas.

Grande desconto a prompto pagamento. Conducção a casa dos freguezes, para o que tem um serviço bem montado.

Vende tambem rolões por atacado e a retalho por preços convidativos.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36—Porto

ASSIGNATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1\$200
» —semestre	600
África —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte)	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha.	10 reis
Comunicados, cada linha.	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—R. de S. Miguel 36—Porto

Ed.^{mo} Lni.